

Portugal tem um novo sinal de trânsito: “Atenção, lince”

Só dentro de algumas semanas é que os lince *Katmandu* e *Jacarandá* de facto correrão riscos. Serão soltos primeiro numa área cercada com dois hectares, onde permanecerão em adaptação até serem finalmente libertados na natureza

Natureza
Ricardo García

O pior que pode acontecer a *Katmandu* e *Jacarandá*, o casal de lince ibéricos que será libertado hoje no concelho de Mértola, numa iniciativa inédita no país, é um dia virem a ser atropelados. Este risco real é uma das maiores apreensões que envolvem o programa de reintrodução desta espécie em Portugal, que entra agora numa fase decisiva, com a soltura de dez animais nos próximos oito meses no vale do Guadiana.

“A nossa principal preocupação de facto é a questão dos atropelamentos, que é a principal causa de mortalidade em Espanha”, afirma o secretário de Estado do Ordenamento do Território e Conservação da Natureza, Miguel de Castro Neto.

Outrora abundante, a espécie *Lynx pardinus* tinha quase desaparecido da Península Ibérica – o único lugar onde existe – ao longo do século XX, até transformar-se no felino mais ameaçado de extinção em todo o mundo. Nos últimos dez anos, a sua população voltou a crescer em Espanha, através de um plano de reintrodução conjunto com Portugal.

Mas os animais regressaram a um território modificado, com mais estradas e maior circulação de automóveis. Em Espanha, o número de lince atropelados subiu de nove em 2012 para 14 em 2013, e este ano a conta já vai em 20. O último caso foi o de *Ketamina*, uma fêmea nascida em Portugal, no Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico, em Silves, e libertada em Julho passado na Extremadura espanhola. Teve apenas três meses de vida selvagem. Em Outubro, morreu sob as rodas de um automóvel, perto de Badajoz.

Para reduzir o risco de atropelamentos, a libertação dos lince em Mértola está a ser rodeada de cuidados adicionais. Um deles é a instalação de placas específicas de sinalização nas estradas da região. Na verdade, trata-se de um novo sinal de trânsito, para alertar para a presença de animais. Ao invés de um gamo ou de uma vaca, como os que figuram nos sinais já existentes, nes-

te caso o contorno é o da face de um lince ibérico. O novo sinal, segundo o Ministério do Ambiente, já foi homologado, embora a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária tenha informado o PÚBLICO de que o processo de autorização não está ainda completamente concluído.

Os sinais foram instalados nos pontos considerados de maior perigo, identificados a partir de registos de atropelamentos de outros animais. A preparação também inclui a limpeza das bermas, para melhorar a visibilidade dos condutores e afastar os animais da estrada.

Só dentro de algumas semanas é que os lince *Katmandu* e *Jacarandá*

de facto correrão riscos. Serão soltos primeiro numa área cercada com dois hectares, onde permanecerão em adaptação até serem finalmente libertados na natureza, possivelmente dentro de um mês.

Jacarandá, a fêmea, nasceu em 2012 no centro de reprodução de Silves, uma de três crias do casal *Flora e Foco*. Já *Katmandu*, o macho, nasceu em 2013 em Zarza de Granadilla, onde fica um dos quatro centros espanhóis de reprodução de lince ibérico. Os nomes dados aos animais no programa luso-espanhol seguem uma ordem alfabética regular, com a mesma inicial para todas as crias nascidas num mesmo ano.

Por pouco os dois lince não ficam em Portugal. Há uma programação para a soltura das crias dos cinco centros de reprodução. Em Silves, já nasceram 58 e outros 28 por lá passaram, provenientes de Espanha. De todos estes, 38 foram libertados do outro lado da fronteira e 22 morreram. “Este ano havia um conjunto de animais reservado para serem soltos em Portugal. Se não fossem reintroduzidos cá, seriam em Espanha”, afirma o secretário de Estado da Conservação da Natureza. “Vínhamos há meses a acompanhar a situação no terreno para ver se isto seria possível ou não”, completa.

Lince no zoo

A ideia inicial era realizar a operação no princípio do Verão. Mas as populações de coelho bravo, o principal alimento do lince, não se tinham recuperado da razia que a doença hemorrágica viral lhes fizera no ano passado.

Em Mértola, o secretário de Estado assegura que a situação agora é favorável. “Em Agosto/Setembro, dados no terreno indicavam que na zona onde vamos reintroduzir o lince tínhamos valores superiores a 3,5 coelhos por hectare, sendo que o mínimo que está definido para podermos pensar na reintrodução são dois coelhos por hectare”, explica. A temporada de caça pode ter reduzido a concentração de coelhos, mas apenas ligeiramente, segundo Miguel de Castro Neto.

Depois de *Katmandu* e *Jacarandá*, quatro outros casais serão libertados no vale do Guadiana, um a cada dois meses. Numa segunda fase, está prevista a soltura de mais lince na região de Moura-Barrancos. Só numa terceira fase, se as condições forem favoráveis, é que a mesma operação será realizada na serra da Malcata, região a que ficou associado o lince na cultura popular, devido a uma campanha pioneira pela sua preservação há quase 40 anos.

“Este é um primeiro momento. Vai ser necessário durante vários anos reintroduzir lince até que consigamos ter uma população estável. O processo não termina aqui”, refere Miguel de Castro Neto.

Quando estiverem a viver efec-

Os caçadores gostam de Hongo

Desde que o fotografaram em Maio de 2013, os caçadores do Clube de Tiro de Milfontes nunca deixaram de ver em *Hongo* um amigo. O lince veio de Espanha, atravessou Portugal da fronteira à costa e instalou-se ali, onde foi captado por uma câmara montada num cevadouro para javalis. Em todos os aspectos, o episódio foi surpreendente. Não se esperava ver aquele animal naquela zona, tão longe de onde tinha sido libertado na natureza. E há mais de duas décadas que não se tinha uma confirmação visual de um lince ibérico no país. Desde então, o lince tem sido fotografado e filmado na região. A última imagem foi captada dia 29 de Agosto. Mas os caçadores estão convencidos de que o animal continua por lá.

“Para nós é positivo. É um predador como nós, caçadores”, diz António Inácio, o presidente do Clube de Tiro e Caça de Vila Nova de Milfontes. O lince, ao contrário do que se poderia supor, estará a ter um efeito positivo sobre a população de coelhos. “Os predadores abatem os mais fracos e incapazes. Se sobreviverem os mais fortes,

então estão a ajudar a preservar as espécies”, explica António Inácio. Entre as organizações nacionais de caçadores, tem havido alguma divisão quanto à reintrodução do lince. A Associação Nacional de Proprietários Rurais, Gestão Cingética e Biodiversidade, que representa os proprietários de zonas de caça, juntou-se logo ao pacto pelo lince ibérico lançado este ano pelo Ministério do Ambiente e que envolve inúmeras organizações. A Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses fez-lo mais tarde, mas a Federação Portuguesa de Caça até agora não aderiu. Em Milfontes, tem havido uma convivência pacífica. António Inácio relata que na zona de caça associativa sob responsabilidade do Clube de Tiro a gestão tem sido normal, respeitando os limites de animais a abater, fazendo sementeiros para melhorar o habitat do coelho e realizando outras medidas. “A gestão principal é não fazer asneiras”, afirma. Até agora, *Hongo* parece estar grato. “Temos muito gosto em ter cá o lince”, conclui António Inácio. “É um caçador como nós. Só não paga é quotas”.



tivamente livres, ninguém sabe o que os lince farão. Podem permanecer na zona, partir para outra ou até mesmo cruzar a fronteira. “Os lince fugirem para Espanha não me incomoda. Se estiverem vivos, podem ir para onde quiserem”, diz o secretário de Estado. “Mas também não há problema nenhum. Um dos objectivos do projecto do lince ibérico é recuperar os habitats históricos e garantir a continuidade destes habitats”, completa.

Os lince estarão equipados com coleiras de telemetria, financiadas pela Fundação PT, para que os seus movimentos sejam acompanhados à distância.

Será uma semana de grande protagonismo para o carismático felino em Portugal. Hoje vai ser inaugurada uma exposição em Silves e uma torre de observação dos lince no

Foto obtida em cativeiro de um dos lincees que vai ser libertado



CORTESIA GONÇALO BOGA

Para reduzir o risco de atropelamentos, a libertação dos linces em Mértola está a ser rodeada de cuidados adicionais. Um deles é a instalação de placas específicas de sinalização nas estradas da região



centro de reprodução naquele concelho, já que não é possível ao público em geral chegar perto dos animais, para não comprometer a sua preparação para a vida selvagem.

E na quinta-feira, dia 18, o Jardim Zoológico de Lisboa passará a ter em exibição, pela primeira vez, um casal de linces. São animais que também vêm do centro de Silves, mas que já não estão aptos para a libertação na natureza.

Observá-los no seu habitat selvagem é virtualmente impossível. O lince é um animal discreto, que se mantém escondido de dia e só sai praticamente à noite, para caçar. Além disso, anda normalmente só e cada indivíduo mantém o domínio territorial sobre uma extensa área. Ou seja, para ver linces, esqueçam Mértola e o melhor mesmo será o zoo.

1979

“Salvemos o lince e a serra da Malcata”, que marcou o ano de 1979 e subsiste até hoje como um marco na história ambiental do país

Uma barragem no Algarve salvou a campanha da Malcata

Ricardo Garcia

Foi a maior campanha de sempre pela defesa de uma espécie animal no país. E tudo começou por causa de uma árvore. Não era ainda tanto o eucalipto, mas sim a *pseudotsuga*, uma conífera exótica que iria ser plantada em massa na serra da Malcata no final dos anos 1970, para a produção de pasta de papel.

Alarmado com a potencial destruição do habitat do lince ibérico – que ainda vivia na região –, o biólogo Luís Palma, técnico florestal no então Serviço Nacional de Caça, alertou a sua chefia. “Primeiro tentámos resolver o problema pela via institucional”, recorda. Falaram com os promotores do projecto, tentaram um compromisso, mas sem sucesso. A florestação prosseguiu.

Luís Palma acabou por ir bater à porta da Liga para a Protecção da Natureza (LPN), a histórica associação ambientalista criada em 1948. E dessa iniciativa nasceu a campanha “Salvemos o lince e a serra da Malcata”, que marcou o ano de 1979 e subsiste até hoje como um marco na história ambiental do país.

O método seria um abaixo-assinado. A associação tinha poucos recursos, mas conseguiu mobilizar a própria máquina da administração central, que se juntou à luta. O Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico pagou a elaboração e impressão de um cartaz icónico, com a face de um lince e os dizeres da campanha.

“Enviámos para as escolas e, para a nossa surpresa, começamos a receber imensas assinaturas, com as folhas originais já fotocopiadas”, lembra Jorge Palmeirim, biólogo que na altura estava na direcção da LPN. “Muitos professores nem sabiam que havia linces em Portugal”, completa.

No final, o abaixo-assinado foi subscrito por cerca de 60 mil pessoas. Nunca tinha havido tamanha mobilização popular por uma causa ambiental.

O movimento acabou por dar resultado. O projecto de florestação foi travado, fez-se um acordo para compensar os promotores com terrenos

perto de Sines, a serra da Malcata foi classificada como reserva natural e o lince tinha tudo para viver em paz e saúde na região.

Mas isto não aconteceu. Duas doenças, a mixomatose e a hemorrágica viral, arrasaram em vagas sucessivas as populações de coelhos bravos e o lince desapareceu não só da Malcata, como de todo o país. Durante vinte anos, não houve políticas eficazes para trazê-lo de volta, até que o projecto de uma barragem, no início da década passada, ameaçou destruir mais uma zona de habitat do lince, em Odelouca, na serra algarvia.

A barragem de Odelouca estimulou uma guerra de trincheiras entre ambientalistas, que queriam travar o projecto, o Governo, que era o dono da obra, e a Comissão Europeia, que iria financiá-la. A obra chegou a estar suspensa e só foi adiante depois de várias alterações no projecto e de uma medida de compensação central: a construção de um centro

**SALVEMOS O LINCE
SERRA DA MALCATA**



A campanha deu origem a um abaixo-assinado que foi subscrito por cerca de 60 mil pessoas

de reprodução do lince ibérico, de onde vem *Jacarandá*, um dos linces que serão libertados hoje na zona de Mértola.

Na prática, foi preciso destruir uma zona de alta importância para os linces para os ter de volta. “Infelizmente, isto não é prova de maior eficácia das políticas de conservação”, avalia Jorge Palmeirim. “É lamentável, mas apesar de tudo é positivo. Dificilmente iríamos no curto prazo ter animais para fazer o repovoamento em Portugal”, completa.

Por mais decisivo que tenha sido, o paradoxal empurrão da barragem de Odelouca talvez não tivesse existido sem o trabalho prévio da campanha da Malcata em 1979. “Foi o ponto de viragem por parte da sociedade no reconhecimento da importância da conservação da natureza em Portugal”, diz Jorge Palmeirim.

Portugal tem novo sinal de trânsito: “Atenção, lince”

Fase decisiva do programa
de reintrodução começa hoje
com libertação de um casal,
em Mértola. Em oito meses
serão libertados 12 lince
